



# Guerra é "investimento no futuro", diz Trump

Em pronunciamento de 20 minutos, presidente exalta o poderio militar dos EUA, reafirma que está "muito perto" de cumprir os objetivos no Irã e se diz "orgulhoso" de eliminar "uma ameaça para o mundo"

O aguardado pronunciamento de Donald Trump sobre a guerra no Oriente Médio, transmitido por TV para o país na noite de ontem, não trouxe a resposta mais esperada pelos norte-americanos por 32 dias: quando as operações militares vão terminar. Em pouco mais de 20 minutos, o presidente exaltou o poderio militar dos Estados Unidos, enumerou os resultados obtidos contra o Irã, elogiou Israel e os aliados árabes e repetiu a estimativa, feita na véspera, de "terminar o serviço" no intervalo de "duas ou três semanas". Garantiu que o regime islâmico "nunca será uma ameaça nuclear para os EUA e para o mundo livre", prometeu que os preços do petróleo logo vão baixar e proclamou: a guerra é "um verdadeiro investimento no futuro".

Contrariando a opinião de 67% dos entrevistados em uma pesquisa divulgada horas antes pela rede CNN, Trump afirmou que tinha "objetivos claros e inabaláveis". Mencionou como tarefas cumpridas a "destruição" do poderio militar iraniano, em especial da capacidade ofensiva com mísseis; a "liquidação" da liderança do regime; a eliminação de sua capacidade para apoiar "organizações terroristas" e de sua possibilidade de obter "armas nucleares como nunca se viu". Comparou a duração do conflito com guerras como as da Coreia, do Vietnã e do Iraque e celebrou: "Somos uma força militar imparável".

Atento à insatisfação dos americanos com a alta no preço dos combustíveis, o presidente apontou a situação como "efeito de curto prazo" do bloqueio iraniano ao Estreito de Ormuz. "Logo, a gasolina vai baixar e as bolsas vão subir", prometeu. "Vamos sair (da guerra) mais prósperos e mais fortes do que nunca." Trump se disse "muito orgulhoso" de ter "corrigido os erros" de seus antecessores, a quem responsabilizou por "47 anos de um regime terrorista que nos ameaçou". E, sem comprometer-se com prazos, enunciou: "Estamos muito perto de concluir todos os objetivos militares. Vamos atacá-los com força esmagadora pelas próximas duas ou três semanas".



AFP



**Somos uma força militar imparável. Estamos muito perto de concluir todos os objetivos"**



**Vamos sair (da guerra) mais prósperos e mais fortes do que nunca**

Donald Trump, presidente dos EUA

## Tiroteio verbal

Ao longo do dia, Teerã e Washington trocaram pela mídia e pelas redes sociais declarações contraditórias e até mesmo desmentidos. A chancelaria iraniana negou que o país tenha pedido um cessar-fogo, ao contrário do afirmado por Trump. "As declarações são falsas e carecem de qualquer fundamento", disse o porta-voz da Esmail Baqaei, citado pela emissora estatal de TV. Em sua plataforma, a Truth Social, o presidente dos EUA impôs condições para aceitar o pedido de trégua que alegou ter recebido. "Consideraremos isso quando

o Estreito de Ormuz estiver aberto, livre e desimpedido" escreveu. "Até lá, vamos destruir o Irã completamente, ou, como se diz, fazê-lo voltar à Idade da Pedra."

Nas últimas semanas, à margem das repetidas declarações de que seus objetivos de guerra estariam praticamente atingidos, e até que os EUA poderiam encerrar as operações e retirar-se do cenário de combates "em duas ou três semanas", Donald Trump lançou um ultimato para que o Irã permita a livre navegação pelo Estreito de Ormuz, via marítima por onde são escoados 20% do

petróleo negociado nos mercados internacionais. Adiado por duas vezes, o último prazo fixado expira na próxima segunda-feira. Caso contrário, o presidente ameaça lançar bombardeios maciços destinados a "obliterar" a infraestrutura energética do país.

"Atacar nossa infraestrutura vital, incluindo instalações de energia e industriais, atinge diretamente o povo iraniano e constitui crime de guerra", escreveu o presidente Masoud Pezeshkian, em carta aberta publicada em seu site. "Essas ações têm consequências que vão muito além das fronteiras do Irã", acrescentou. "Geram

instabilidade e aumentam as perdas humanas e os custos econômicos, além de perpetuar os ciclos de tensão, espalhando as sementes de um ressentimento que vai perdurar por anos."

No texto, Pezeshkian afirma que Trump foi manipulado pelo premiê israelense, Benjamin Netanyahu, para iniciar a guerra, em 28 de fevereiro. "Não é verdade que Israel, ao criar uma ameaça iraniana, tenta desviar a atenção do mundo de seus crimes contra os palestinos?", questionou. "Será que o lema 'Estados Unidos em primeiro lugar' está realmente entre as prioridades do governo Trump?"

## Londres discute Ormuz

Colocado no centro dos ataques de Donald Trump à alegada "má vontade" dos aliados europeus para apoiar o esforço de Washington na guerra contra o Irã, o governo do Reino Unido sedia hoje uma reunião com países dispostos a agir para garantir a navegação segura pelo Estreito de Ormuz. A estratégica passagem liga o Golfo Pérsico às vias marítimas que dão vazão a cerca de 20% do petróleo consumido nos mercados internacionais. Desde o início dos ataques dos Estados Unidos e de Israel, o Irã vem impedindo a passagem de "navios inimigos" pelo estreito.

"O Reino Unido já reuniu 35 nações em torno da nossa declaração de intenção para atuarmos unidos pela segurança marítima no Golfo Pérsico", anunciou o primeiro-ministro britânico, Keir Starmer. A reunião organizada por Londres será realizada hoje por videoconferência.

"A ministra das Relações Exteriores (Yvette Cooper) receberá pela primeira vez uma reunião desses países", informou Starmer durante uma entrevista coletiva na sede do governo, em Downing Street. Na mesma entrevista, o premiê defendeu a Otan como "a aliança militar mais eficaz que o mundo já viu", e resposta a críticas do presidente norte-americano, Donald Trump, que renovou a ameaça de deixar o bloco, fundado por iniciativa dos EUA no pós-2ª Guerra Mundial (1939-1945).

"A Otan nos manteve seguros durante muitas décadas, e estamos totalmente comprometidos com ela", disse Starmer. Trump, em entrevista publicada ontem pelo jornal britânico *Daily Telegraph*, reiterou suas críticas à aliança atlântica por se recusar a entrar na guerra contra o Irã. Starmer fez suas declarações poucas horas depois de Trump afirmar que os EUA sairão do Irã "muito em breve", dentro de "duas, talvez três semanas".

## VENEZUELA

# Delcy fica livre das sanções

Os Estados Unidos decidiram suspender as sanções pessoais impostas à presidente interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, que assumiu as funções desde que um comando de elite norte-americano invadiu o país, em 3 de janeiro, e capturou o presidente Nicolás Maduro. Ele e a mulher, Cilia Flores, foram levados para Nova York, onde estão sendo julgados por acusações ligadas a "narcoterrorismo". Delcy, que mantém contatos com Washington, comemorou a medida em postagem no X.

Uma publicação no site do Escritório de Controle de Ativos Estrangeiros, ligado ao Departamento do Tesouro dos EUA, informa que o nome da governante venezuelana foi eliminado da "Lista de Nacionais Especialmente Designados". Essa lista é elaborada e atualizada regularmente

pelo Tesouro a partir das atividades de países ou entidades consideradas hostis. Os "nacionais" podem ser tanto indivíduos quanto empresas de outros países, que são proibidos de estabelecer qualquer relação econômica e financeira com empresas norte-americanas.

Em sua postagem, Delcy elogiou a reaproximação e recente retomada dos laços bilaterais formais. "Valorizamos a decisão do presidente Donald Trump como um passo na direção da normalização e do fortalecimento das relações entre nossos países", escreveu a presidente interina. "Confiamos que esse avanço permita a suspensão das sanções vigentes sobre o nosso país e permita edificar e garantir uma agenda de cooperação binacional efetiva, em benefício dos nossos povos."

Delcy, de 56 anos, era o braço direito de Maduro desde 2018. Em setembro daquele ano, entrou na lista do Escritório de Controle de Ativos Estrangeiros. Ao assumir o comando do país, sob pressão de Washington, rapidamente empreendeu uma série de reformas econômicas, principalmente a abertura do setor de hidrocarbonetos ao investimento estrangeiro, muito elogiadas por Trump. Também promoveu uma anistia política, atendendo a exigência da oposição, e alterou peças-chaves do governo e do aparato de segurança.

Em menos de três meses, Washington suspendeu grande parte das sanções contra Caracas, principalmente no setor energético, para incentivar investimentos e ajudar na reconstrução do setor

Federico Parra/AFP



## A presidente interina Delcy Rodríguez: agradecimentos a Trump

participar da investigação sobre o incidente entre uma lancha armada procedente da Flórida e membros da Guarda Costeira cubana. O confronto, ocorrido em 25 de fevereiro, deixou cinco mortos e seis feridos, entre eles um oficial cubano, informou uma fonte da Embaixada dos EUA em Havana.

Segundo a versão apresentada por Havana, o incidente teve início quando uma fragata da Guarda Costeira se aproximou de uma embarcação com registro nos EUA para solicitar a identificação, mas os ocupantes responderam abrindo fogo. Cinco passageiros da lancha interceptada morreram e seis ficaram feridos. Dois dos 10 tripulantes tinham cidadania americana.

petrolero. Ao mesmo tempo, os EUA mantêm o controle sobre as exportações do petróleo venezuelano. O dinheiro arrecadado é depositado em uma conta sob controle do Departamento do Tesouro.

## Cuba

Em outra frente de ação de Washington na América Latina, uma delegação do FBI (a polícia federal dos EUA) está em Cuba para